

Nota de Apresentação

Prof. Doutora Maria Cristina Vieira de Freitas
Diretora do Arquivo da Universidade de Coimbra

No mais recente número da revista *The American Archivist*¹, Christopher Lee (o editor) desenvolve o conceito de “robustez arquivística”, o qual, segundo diz, remete-nos não ao fito de atingir a eficácia nas ações, num curto prazo, mas à opção por soluções que nos permitam manter essa mesma eficácia, num horizonte mais largo e numa gama mais ampla de possíveis e novos contextos. Com efeito, a ação robusta, e sólida, envolve a seleção, no presente, de soluções flexíveis, de modo a não “estreitar” os percursos nem condicionar as escolhas futuras. Lee (2019) admite que uma grande parte do trabalho e dos desafios arquivísticos atuais está na transmissão de “informações significativas” ao longo do tempo. E que esse processo, pela própria natureza, requer a mobilização contínua de recursos (humanos, técnicos, financeiros), sendo esta uma empresa difícil de acometer. Tanto as pessoas como os provedores de informação, a seu parecer, desempenham um papel vital na mobilização dos meios necessários ao desencadeamento de ações, que se requerem conjuntas, sequenciais e constantes, para garantir, no futuro, a continuidade do património documental que se encontra ativo no presente (LEE, 2019: 3-4). É preciso, pois, usar de robustez, para que as escolhas sejam feitas e para que a prossecução desse desafio seja, de facto, assegurada.

As plataformas nas quais produzimos, gerimos e partilhamos informação são um desses recursos vitais para a manutenção e para a difusão do nosso legado, requerendo por isso a nossa maior atenção e sendo, pois, alvos privilegiados dessas nossas escolhas. Elas serão tão ou mais robustas quanto mais adaptáveis as tornarmos, tendo em conta os variados e cambiantes contextos, atuais e futuros. Todo esse alinhamento estratégico, ao mesmo tempo sinérgico e convergente, que devemos desde logo proporcionar, entre recursos, pessoas, provedores e plataformas, oferece, e oferecerá, as

¹ LEE, Christopher (2019) – Archival robustness. *American Archivist*. ISSN 0360-9081. 82:1(2019) 3-8.

condições necessárias à continuidade de um património documental que se pretende, simultaneamente, construtor e construção do conhecimento.

Entre essas soluções robustas e usualmente distribuídas em plataformas digitais, que alargam os já vastos horizontes do conhecimento, destacam-se, pelo valor e pela expressão, os conteúdos científicos periodicamente publicados em revistas e amparados por critérios que os certificam como registos públicos, válidos e oficiais da ciência e também como um dos seus principais meios de difusão, propiciando o contacto entre grupos, linhas de pesquisa, o confronto de ideias e a atualização do conhecimento (FREITAS *et al.*, 2014)².

Essa robustez, que nos leva, entre outras coisas, a empreender um esforço contínuo em favor da divulgação de conteúdos científicos em plataformas *online*, é o valor com o qual pretendemos marcar a nossa gestão do Boletim do Arquivo da Universidade de Coimbra, que se inicia com a publicação deste segundo número do volume XXXII de 2019. Nele, deparamo-nos, inicialmente, com três diferentes tipos de estudos. O primeiro, da autoria de Gabriela Nóbrega, intitulado “D. Frei Agostinho da Anunciação: um arcebispo-governador em Goa (1691-1713)”, invoca o percurso dessa personagem histórica em mais de uma dimensão, envolvendo-a no manto “da árdua tarefa da evangelização dos territórios ultramarinos, particularmente no continente asiático”. O segundo estudo, assinado por Phillippe Delfino Sartin, intitulado “‘E indo a Carvalho, de la veyo boa’: os exorcismos numa paróquia portuguesa durante o século XVIII”, apela para as fontes históricas disponíveis no Arquivo da Universidade de Coimbra e escrutina “a prática de exorcismos no território do bispado de Coimbra, durante o século XVIII”. O terceiro e último estudo, intitulado “‘*Breviora reddet ordo, et mens, et ratio*’: o ‘Inventário Geral dos papéis de António Xavier de Miranda Henriques’ (1815)”, da autoria de Rita Sampaio da Nóvoa, apresenta o referido inventário e revela os objetivos subjacentes à sua elaboração, atendo-se aos aspetos inerentes ao seu contexto de produção, bem como ao conteúdo e à estrutura, propondo a reconstituição virtual do Arquivo, hoje, fisicamente desagregado, a partir do correto enlace desses sistemas de descrição e recuperação da informação.

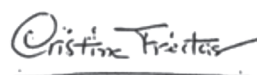
Para além destes estudos, e a “coroar” esta edição, apresentam-se duas novas recensões críticas, realizadas a partir da análise de obras publicadas

² FREITAS, Maria Cristina Vieira de [*et al.*] (2014) - A visibilidade e a qualidade em revistas de Ciências da Comunicação em acesso aberto no contexto ibero-americano, Portugal e Espanha. In MARTINS, Moisés de L., ed. - *II CONFIBERCOM: os desafios da internacionalização*. Braga: Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade, Universidade do Minho. p. 485-499.

no Brasil e dedicadas a temas que, pela robustez, bem podem ser considerados de toque para a Arquivística Contemporânea. A resenha escrita por Thiago de Oliveira Vieira aborda, por exemplo, o arquivo como um lugar de custódia e de proteção dos documentos, sendo esta uma tese defendida na obra publicada por Margareth da Silva. Por seu turno, Paola Rodrigues Bittencourt procura sistematizar as principais discussões levadas a efeito por Clarissa Schmidt, na obra da autoria desta última, dedicada à discussão do atual estatuto epistemológico da Arquivística, tendo como pano de fundo a evolução histórica desta disciplina científica. Ainda, coerentemente com a qualidade e o rigor que marcam a trajetória do BAUC, e atendendo a um compromisso inegociável com a liberdade de expressão, concedemos o direito de resposta que é exercido por José Vieira Leitão.

Com a publicação deste segundo número do volume XXXII do BAUC, optamos por uma via de continuidade relativamente à linha de publicação iniciada pela Direção anterior, a quem cumpre agradecer pelos esforços envidados e que certamente contribuíram para elevar esta publicação ao patamar em que se encontra, outorgando-lhe o reconhecimento e o prestígio que já se evidencia, no cenário nacional e regional. Com o acrescento de que, pela nossa parte, e tendo como pano de fundo um quadro editorial cada vez mais competitivo e cambiante, e que exige respostas “robustas”, intentaremos prosseguir com o desafio de elevar a visibilidade do BAUC e de adaptá-lo às diferentes realidades e cenários, propondo, futuramente, um conjunto de medidas editoriais que se farão notar já em 2020. Também, e em jeito de agradecimento, dedicamos algumas linhas à Equipa da Imprensa da Universidade de Coimbra, pelo comprometimento, pela simpatia e pela competência, já estas as suas imagens de marca, para além da sua evidente “robustez” (com o mesmo sentido do que aqui foi exposto). Estas qualidades têm proporcionado o conforto e a confiança necessária ao planeamento e à execução, em tempo hábil, do nosso BAUC. Queremos, pois, reconhecer devidamente a importância que atribuímos a esta parceria.

Finalmente, ao leitor e à leitora, que são a finalidade última de todo o nosso trabalho, queremos, em nome da Direção e da Equipa Editorial do BAUC, transmitir os nossos votos de uma instigante e prazerosa leitura!



Coimbra, 15/11/2019